ANNO II — Recife, 28 de Fevereiro de 1920 — Int. Instituut Soc. Geschiedenis Amsterdam — N. 61

REDACÇÃO E OFFICINAS
PATEO DO CARMO 107
EDITOR *A. DE ARAUJO*
Redactor principal A. CORREIA
RECIFE—PERNAMBUCO

A HORA SOCIAL

Orgam da Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco

Fructos da sociedade burgueza

Antes do mais, uma explicação: A sociedade burgueza, actual, é a organisação em que os homens estão divididos em duas classes: a que trabalha e não recebe os proveitos integraes, inteiros, do que faz e a que tem dinheiro, que tem capital, e nada faz, mas gosa todos os beneficios.

É preciso acabar com isto, de modo que todos os homens trabalhem e obtenham todos os mesmos proveitos.

**

Hontem um dedicado camarada relatava-me o facto seguinte:

No predio de que este jornal occupa o andar terreo reside, no segundo andar, um padre. Ultimamente, veio uma associação para o primeiro andar: o Syndicato dos Metallurgicos. O secretario desta sociedade foi procurado por uma mulher, que contou uma triste odyssêa de soffrimentos, pedindo que a deixasse alojar-se ao lado da escada. O caso ficou liquidado, com a obtenção do que a pobre mulher pedia.

E ella se alojou ao pé da escada, sem incommodos nem sustos.

Mas, o reverendo do segundo andar não gostou e achou que deveria interpellar o secretario do Syndicato dos Metallurgicos. Fel-o ante-hontem. O camarada respondeu-lhe que fôra por um acto de solidariedade, de apoio mutuo, como se praticará na sociedade anarchista. O padre retorquiu que não; que aquillo, ali ao pè da escada, era indecente e demais não reconhecia a acção do camarada como acto de caridade

E a pobre mulher, que não tinha onde ir morar, porque lhe puzeram os utensilios na rua, onde iria se abrigar, caso o camarada a que me refiro não lhe houvessé dado o alojamento ao pé da escada?

Então, agem assim os EMBAIXADORES de Deus?

**

Na rua de Santa Thereza:

Uma creança bate á porta de uma casa, pedindo, lamurienta:

«Dê-me uma saia velha para minha mãe que está doente e sem recursos."

Então, que humanidade é esta que não soccorre aos que morrem? E, que sociedade é esta em que ha um dos seus membros que não tem vestidos ao passo que outro vae á modista compral-os de sêda, caros?

**

—Camarada, que tens?

—Ha duas semanas que não trabalho, porque onde o busco, dizem que não ha.

—Certo, tens fome, não é verdade? Pois camarada, se tens fome e queres trabalhar e não achas trabalho, olha para ali. É um armazem de generos alimenticios, e o seu DONO não trabalhou a terra, não plantou a semente, não ceifou a colheita.

—Pois não adquiriu elle aquelles generos?

—Sim: pois vê se o adquires tú, tambem, caro amigo.

—Mas... não tenho capital...

—Desejarias tel-o? Põe ao teu serviço trez homens: apossa-te do que fizerem elles, do que produzirem, revende. O lucro é teu. Serás capitalista.

—Mas, isto é a exploração do homem pelo homem.

— Sim; é o regimen burguez, sob que vivemos asphyxiado. É a sociedade burgueza.

—Pois, combatamol-a para estabelecer a sociedade communista em que não haverá falta de trabalho nem ninguem será dono de cousa alguma.

**

Ali está um homem, já velho, inane. Tem fome e termina morrendo.

Chamam a Assistencia Publica, Mas, a Assistencia Publica? Sim, para soccorrel-o e leval-o.

Seria melhor saquear o armazem mais proximo e matar á fome aquelle pobre velho.

**

Para findar: A sociedade communista não conferirá privilegios a quem quer que seja. Todos terão que trabalhar em beneficio collectivo. Não haverá o homem que passa no automovel mascando o bom charuto e o carroceiro, de pès descalços, quasi roto, nú quasi, que só com uma vez por dia, e comidas pessimas.

Será esta o regimen que se approxima para a felicidade humana.

A. CORREIA

A sorte dos pobres, sempre submissos, sempre subjugados e sempre opprimidos nunca poderá melhorar pelos meios pacificos.

MARAT.

Da prostituição

A leitura dos brilhantes discursos pronunciados pelos drs. Simões Barbosa e Gouveia de Barros, em recente manifestação a este, director dos serviços sanitarios do Estado, pela classe medica promovida e realisada, suggere-nos, no tocante ao problema, indefinidamente insoluvel, da prostituição, simples commentarios despretenciosos.

Entre a argentina vibração das taças de crystal e um hausto delicioso do champanha fino e caro, a dois medicos occorreu falarem acerca do alarmante mal assustador da prostituição. Sabia-lhes ás glandulas gustativas o nectifero goso do licôr famoso que sorviam em meio a um ceremonial de convenção, e o conforto mesmo de local em que se celebravam as bodas de regosijo, com as mesas attestadas de custosos jarros adornados de flores, tudo, emfim dava aos dois medicos illustres o ar de encantadas figuras olympicas e felizes.

Apenas, a elles, acudia á lembrança que, cá fora, nas zonas do vicio, uma triste multidão de mulheres, muitas impuberes ainda, patinhavam no lodaçal do meretricio, como protozoarios nas aguas esverdinhadas dos charcos immundos.

O primeiro reclamou a regulamentação do mal, para, segundo pensa, se não dar-lhe cabo, ao menos diminuil-o; e assertou o segundo, convicto, que não é possivel a pratica do que o outro preconisava pelo só fundamento de que a Constituição politica do paiz o não permitte!

O erro, si de erro se pode incriminal-os, em que ambos os facultativos incidiram é, incontestavelmente, desculpavel, porque é elle devido só e sò ao facto de, como profissionaes da medicina, terem observado o effeito do mal, preferindo deixar occulta a sua grande causa conhecida.

Medicos, descobriram o effeito e em virtude disto, equivocaram-se proclamando um principio que nenhuns resultados pode offerecer. Regulamentasse o Estado a prostituição, e isto viria contribuir para que mais ella proliferasse, pondo em serios perigos os destinos futuros das raças humanas, já de si bastantemente compromettidos.

Para o medico, a prostituta deveria ser a unica culpada da propagação da syphilis degeneradora e funesta, e, em particular, para o hygienista, o fóco de infecção.

Não ha duvida que é uma verdade indiscutivel. Mas, que bem apreciavel, sob o ponto de vista collectivo, estaria o hygienista a exercer promovendo os meios de extincção de um fóco de infecção syphilitica?

Como o eminente sabio dr. Oswaldo Cruz, o maior hygienista que o Brasil jamais conheceu, pôde lograr obter a extincção da febre amarella no Rio de Janeiro? Simultaneamente, combatendo os seus effeitos, e sobretudo, as suas causas. Era mistér curar os amarillicos, mas, era, tambem, mistér, exterminar o germen transmissor da terrivel peste exterminadora.

E disto foi, de facto, que adveio o exito da campanha humanitaria do inolvidavel sabio de Manguinhos.

Ora, em caso ainda mais grave, como seja o da prostituição, não é dever só pôr em pratica meios si bem que violentos, visando unicamente a diminuição do mal para se obter a extincção de um factor poderoso na degenerescencia da especie humana: — a syphilis.

Os processos utilisados seriam, apenas, simples palliativos, e o grande mal continuaria a produzir as suas terriveis consequencias actuaes.

Quaes são as causas determinantes da prostituição? Serão outras, porventura, que não as economicas? Absolutamente.

A prostituição resulta da propria desigualdade que é o principio basilar da sociedade contemporanea.

Os parasitas, os que não trabalham, e porque se apossaram do capital, posse sempre dolosa e extorsiva, acreditam que é necessario haver homens que produzam para elles, representam, na sociedade actual, o mesmo que um ramo apodrecido, no organismo vegetal.

Desde que desappareça o dom de uma casta privilegiada, com o regimen do trabalho applicado a todos os homens, deixarão de existir os actuaes males da prostituição e da mendicancia, que são, exclusivamente, males sociaes.

Nada mais logico e mais natural.

Não o comprehenderão espiritos cheios de odios.

Supponhamos que amanhã desappareçam para sempre os vestigios das desigualdades sociaes, isto é, que não haja o capitalista, dono do capital, e o productor escravo do trabalho, mas, apenas, trabalhadores livres e que o regimen do trabalho seja identico para todos que succederá?

Deixará de existir a sociedade na qual o que tem capital não precisa trabalhar para gosar os beneficios que a producção faculta, para surgir uma outra em que todos serão eguaes, porquanto a todos empregarão as suas energias em qualquer que seja o mister profissional.

Ora, si assim acontece, e si tambem a mulher é chamada a desempenhar o seu papel, entrando com o contigente dos seus esforços em tal regimen, de trabalho egual para todos, è claro, os ociosos, os vadios, os parasitas serão anniquilados, justamente como succede no corpo humano são.

O que não se pode negar é que, para exterminar o mal horroroso do meretricio, necessariamente, teremos que substituir a actual organisação social da qual é elle o broto mais vigoroso.

Agindo em contrario, applicam-se palliativos que nada resolvem, mas tudo complicam.

E com a regulamentação de meretricio por parte do Estado, nada mais resta affirmar senão que seja um caso agudo de crise da *moral* burgueza.

Por hoje, temos dito.

O que a Egreja Catholica—que é a mesma coisa que os clericaes—quer em materia de ensino, é o monopolio para si e não a liberdade.

A proxima reabertura do Syndicato de Officios Varios de Escada

O acto deverá realisar-se no dia 7 de Março proximo

A Federação das Classes Trabalhadoras, realisando o seu programma de unificação, em syndicatos, de todos os operarios deste Estado, cogita de promover a solenne reabertura do Syndicato de Officios Varios de Escada, o qual fôra violentamente fechado no periodo governamental extincto.

Age a Federação das Classes Trabalhadoras tendo em vista e programma de governo do Sr. José Rufino, chefe do executivo estadual, assegurando todas as garantias ao que estatue a Constituição da Republica. Assim, foi já reaberto o Syndicato do Cabo, que vem funccionando com muita regularidade, desempenhando uma ampla funcção associativa entre os trabalhadores da zona em que se encontra o mesmo localisado.

Por isto, a reabertura do Syndicato de Escada se impõe, neste momento, estando mais ou menos, assentado que o dia deverá sêr á 7 de Março proximo.

Assistirá a reunião uma commissão da Federação, alem dos companheiros dr. Joaquim Pimenta, Antonio Correia, dr. Christiano Cordeiro e outros.

Devem, portanto, os camaradas de Escada tratar de dispôr as cousas, de modo que o acto da reabertura seja, realmente, revestido de toda a solennidade.

E' preciso que se faça o cáos para que, desse cáos, possam brotar novos sóes.

NIETZSCHE.

Porque somos anarchistas

Muitas pessôas acreditam que sêr anarchista é sêr destruidor; trazer bombas de dynamite nas algibeiras; promover arruaças ou motins.

Isto é devido á imbecilidade dos fazedores da imprensa, que, por qualquer cousa, estão a encher as columnas dos seus jornaes de vergonhosas mentiras acerca da Anarchia.

O mesmo occorre quanto ao Bolchevismo ou Maximalismo.

Bolchevismo ou Maximalismo não é destruição, não é violencia, não e incendio, não é nada disto, como da mesma forma o Anarchismo.

Se muita vez os anarchistas armam-se de bombas de dynamite é porque são a isso levados pelas violencias dos governos. E' um meio de legitima defeza, que nenhum póde obscurecer.

Nós somos anarchistas e não somos dynamiteiros ou arruaceiros.

O que queremos é unicamente que a sociedade não se constitua de uma classe que gose beneficios daquillo que não collabora e outra que se estiole a fazer aquillo de que nenhum proveito aufere.

O que queremos é que todos os homens empreguem as suas energias em produzir tudo quanto fôr util á communidade.

O que queremos é que desappareçam os instrumentos de oppressão: Estado e Capital.

O que queremos é que a sociedade se funde no principio egualitario, de modo que um homem não possa vêr noutro homem, alem do seu irmão, senão o collaborador do bem estar geral.

O que queremos é que cada individuo faça o que quizer e como quizer, obrando em beneficio collectivo, sem opprimir ou explorar ninguem.

Não odiamos a ninguem; mas odiamos a lei, que é, apenas, a expressao da vontade de uns poucos; a justiça que tem sido a causa de todos os crimes; o capitalismo, que semeou entre os homens todos os germens da maldade; a religião, que embrutece todas as consciencias; o governo, que não é senão uma formula de escravisação.

queremos, pois, uma sociedade em que todos pratiquem o util á collectividade, e em que a sciencia e as artes sejam para goso de todos.

Queremos, emfim, a terra livre, sem donos nem senhores, entregue aos lavradores para que a agricultem.

Porque queremos isto—somos anarchistas—communistas.

A revolução bahiana é um flagrante aspecto do Brasil politico. Como nos lodaçaes, *o gaz dos pantanos*, afflorando á superficie, è o bafio das decomposições que se operam no fundo atro e putrido das aguas limosas,—na politicalha brasileira, a Revolução bahiana, tresandando a podridão, é a essencia deste estado de cousas republicano achincalhante da moral.

A revolução bahiana é a methana que se desprende do pantano da politicalha brasileira, em cujo seio fermentam todas as miserias, decompõem-se os caracteres dos homens.

Ruy Barbosa, o trefego agiota de genio, em face de Seabra, o trampolineiro audaz dos dinheiros publicos,—estadistas desta republica de bandalheiras!—esvurma todo o odio dos seus interesses inconfessaveis postos á lume desde os tempos do governo provisorio.

E' a degradação humana.

Vejamos: na Bahia, em torno do poder, que dará margem ao que o conquistar a dispôr das rendas publicas, a lucta é um reflexo da propria immoralidade do regimen; em Pernambuco, em redor de cadeiras no Congresso, os amigos se descomponhem, os inimigos se abraçam, e o povo olha, abysmado, estas scenas de alta comedia... E assim por todo Brasil, que queremos digno de melhor sorte, como todo o Mundo..

E' a onda de lama que avança, ennodoando a integridade moral dos homens contemporaneos do Brasil; *estadistelhos* que nos governam, pulhas que escalaram os altos postos do regimen.

Não; é mentira. A revolução da Bahia não é o grito de um povo contra os seus usurpadores. E' um triste symptoma de degenerescencia moral.

PINGOS D'AGUA

O conego Pereira Alves está deitando falação sobre o movimento operario do mundo. Aliás, explica-se que elle, como a padralhada de todos os paizes, se preoccupe muito com o avanço vertiginoso da revolução social. Porque entre as classes contra as quaes se voltará a onda revolucionaria, está o clero, talvez o maior exercito de parasitas que exista na terra.

Pensará o conego que a rhetorica clerical conseguirá illudir o proletariado como outr'ora, quando, a um gesto de S. Cyrillo, a multidão fanatica despedaçava, nas ruas de Alexandria, uma indefesa mulher, Hypathias, cujo crime unico era professar as doutrinas dos pensadores gregos?

Julgará que estejamos nos tempos da barbaria medieval, quando, á voz de qualquer mentecapto, se precipitavam as turbas sedentas de sangue contra os povos do Oriente, como aconteceu nas celebres Cruzadas?

Crerá, por ventura, que, por um simples recado do papa aos reis de França, ainda se possa ordenar a matança de trinta mil protestantes, como se deu na famosa noite de S. Bartholomeu?

Os tempos mudaram, e com elles a consciencia dos homens. O povo, a grande massa anonyma que o clero tão impiedosamente vem explorando, já não se deixará seduzir pelas cantigas dessa velha megera, a Egreja, que hoje só se volta para o proletariado porque já percebeu, astuciosa e perspicaz como é, que ao lado delle estará a força e o poder n'um futuro que talvez não venha longe.

Esteve a Egreja ao lado do trabalhador quando este não passava de um simples escravo nas realezas? de servo da gleba, no regimem feudal? de proletario no regimen burguez?

Realista com os reis, feudalista com os barões, capitalista com a burguezia, lembra-se agora o clero romano de ser socialista com o operariado!

E' o caso de mandar esse sotaina bater a outra porta. O operario já conhece o estofo de taes apostolos, já enxerga o fundo negro onde se occulta esse machiavelismo canalha que, de tanto se exercitar nas côrtes e nos castellos solarengos da out'rora, e hoje nos palacetes da burguezia endinheirada, acabou pondo a calva á mostra até para as almas mais ingenuas.

Aliás, um arcebispo americano não poude esconder a politica tortuosa e cynica do tal *socialismo catholico* quando dizia para Leão XIII, o mais *quengeista* de todos os papas: —

Quem possue as massas, governa.

Seria melhor que esse conego cuidasse de outra cousa, deixando em paz a questão social cuja solução ficará mesmo a cargo dos trabalhadores.

QUINAMUYU

Na construcção dos Armazens geraes

Os operarios, nossos camaradas, que trabalham nas obras de construcção dos Armazens Geraes, na Campina do Bodé, estão sendo victimas de espertalhões sem escrupulos.

Alem dos miseraveis salarios que a empreza constructora paga, a desenfreada e criminosa extorsão por meio de emprestimos a juros de 10 %...

No proximo numero trataremos desenvolvidamente sobre este assumpto, tão repugnante.

A violencia vive na rapina; morre se as victimas se não deixarem roubar.

A GREVE DA "CAXIAS"

Como foi solucionada a questão—A attitude da Liga Mixta — A reunião de segunda-feira ultima.

Foi, emfim, encontrada uma solução, alvitrada pelo Sr. prefeito da capital, para o conflicto suscitado entre os camaradas que trabalham na fabrica «Caxias», da firma Azevedo & Cia, e a respectiva gerencia.

A intromissão do Sr. Eduardo de Lima Castro nesta questão e o meio por que julgou fôsse a mesma solucionada, attestam, sobejamente, que superiores motivos de toda ordem militavam a favor dos camaradas em greve.

O espirito de intransigencia, a attitude de má fé que os capitalistas assumem nestas crises e conflictos teem sido, entre nós, a causa unica do cerceamento das garantias materiaes dos trabalhadores, que continuam a sêr victimas de exploração desenfreada na retribuição dos exhaustivos esforços que dispendem, collaborando em emprezas das quaes só grandes lucros auferem os repectivos proprietarios.

Os beneficios que os trabalhadores até hoje já lograram alcançar são os de não poderem elles estabelecer o necessario equilibrio entre as energias que gastam e a alimentação que consomem, mercê dos miseraveis salarios que se lhes pagam, e que não são sufficientes para attender ao custo da vida actual.

Em recente discurso pronunciado, o dr. Fernando Simões Barbosa fazia referencias ás habitações proletarias, que não dispõem de nenhuns requisitos imprescindiveis, alias contidos nas leis e regulamentos sanitarios. E' facto; mas, no entanto, os proletarios é que não podem com salarios de 5$000 habitar casas hygienicas. Alem disto, é dever da Directoria de Hygiene velar por que a saude publica seja garantida, promovendo uma campanha contra as fabricas e officinas e domicilios anti-hygienicos que são todas as que existem nesta cidade.

Mas, como quer que seja será já muito tarde demais para remediar estes males, mesmo porque o unico remedio efficaz nós sabemos qual seja.

—

Dada a intervenção do Sr. prefeito desta cidade, com sympathia acolhida pelos camaradas em greve, foi possivel encontrar-se uma forma conciliatoria, que satisfez de alguma forma os camaradas da «Caxias». Foi o desfecho fatal do drama, que previramos.

A pujança da associação dos camaradas cigarreiros,—porque nagal-o?—sahiu desse choque rudemente abatida, pelo só facto de que ainda se não comprehendeu o valor da arma da greve em nosso meio.

E' preferivel nunca nos utilisarmos da greve, a soffrer as consequencias funestas do seu máo emprego.

Foi uma lição proveitosissima que será, naturalmente aproveitada por todos.

A solução encontrada pelo prefeito, acceita pela gerencia da fabrica «Caxias» e homologada pela Liga Mixta dos Operarios em Fabricas de Cigarros foi a do augmento de CINCOENTA reis, no milheiro de cigarros da marca 31.

Forçados por circumstancias imprevistas, os camaradas em greve tiveram que acceitar certas imposições da direcção da «Caxias,» attentatorias da dignidade operaria...

Não importa; vamos refazer as nossas forças e, opportunamente, é preciso vêr quem tem razão. O insulto cuspido pelos proprietarios da «Caxias» não pode e não deve deixar de sêr respondido.

Apparentemente, ha paz: mas, certo, no fundo de cada consciencia, ruge um vulcão de revolta.

Em face de motivos supervenientes, outra não devera têr sido a attitude da Liga Mixta, que fica, assim, plenamente, justificada.

—

Na segunda-feira, á noite, realisou-se na sede da Liga uma importante reunião a fim de serem combinadas medidas extraordinarias acerca do movimento paredista findo.

A lucta, portanto, não arrefeceu, mas, com o insulto patronal, ganhou mais vigôr.

E' preciso que ninguem se affaste da sua conducta para a pugna proxima e inevitavel.

Todos os companheiros da «Liga» devem comparecer á séde social depois de amanhã, 1 de março, a fim de assistir á reunião habitual de segunda-feira.

A QUEDA DO IDOLO

A ultima palavra sobre o caso Virgilio Mauricio

Depois do vergonhoso plagio "Mulher franceza» commettido pelo sr. Virgilio Mauricio e de que resultou a sua expulsão do Circulo de Bellas Artes, confesso que não tinha o menor desejo de voltar a occupar-me de tão eximio chartagista.

A meu ver, a triste odysséa do pintorsinho alagoano estava terminada com a brilhante attitude assumida pela importante associação pernambucana, attitude assumida pela importante associação pernambucana, attitude que se revestiu, para mim, de um extraordinario valor, pois, alem de prestar um inestimavel serviço á causa da Arte e da Moral, importou tambem, na confirmação do modo digno e criterioso com que agi nessa desgraçada questão.

No entanto, uma carta que me enviou o Guttman Bicho de um lado, e do outro a descoberta de novos casos compromettedores da já avariada probidade artistica e da moral individual do pintor «maravilha», entre elles a queixa apresentada á policia alagoana pela viuva do pintor Joaquim Brigido, obrigam-me a tornar publico a ultima amostra do caracter polimorpho desse plag'ario cujos crimes estão previstos no Codigo Penal.

O publico pernambucano ainda deve estar lembrado de que, numa «interview» concedida ao «Jornal Pequeno», em resposta ao meu artigo publicado no «Jornal do Recife» de 3 de Fevereiro de 1916, Virgilio affirmara que, «sendo o sr. Bicho um simples alumno da Escola de Bellas Artes, em embryão, não lhe ficava bem acceitar qualquer desafio de sua parte».

Pois bem, Virgilio escreveu a Guttman Bicho numa dialectica toda amistosa e pontuada de elogios, como se nada de anormal e grave houvesse acontecido entre elles.

Para que se possa ajuizar do criterio de semelhante intrujão, leia o publico as cartas abaixo:

A carta do pintor Guttman Bicho

Rio de Janeiro, 4 de Abril de 1917

Caro amigo sr. Maya

Recebi a sua carta e só hoje posso respondei-a; se já não fiz ha mais tempo foi porque me foi impossivel.

Sobre o Virgilio, só lhe posso mandar a carta que recebi d'elle. Sobre as accusações que fiz sobre o seu talento mystificador, continuo a julgal-o como d'antes, sempre o mesmo..............................
........capaz de tudo neste mundo, menos pintar coi a que se pareça com pintura.

Julge esse............pela carta que lhe envio.

Muito grato estou pela dedicação que tem tomado pela questão, a qual merece ser esquecida, porque com Virgilio não se pode arranjar nada.

Do criado sempre ás ordens
Guttman Bicho
Rua Gonçalves Dias, 15—Galeria Rembrant,—Rio.

—

A carta de Virgilio Mauricio

Circulo de Bellas Artes de Pernambuco, 23 de Novembro de 1916.

Sr. Guttman Bicho

Venho de receber por intermedio do sr. Mario Mello, uma copia de sua carta.

Grato pelas palavras elogiosas. NUNCA ELOGIEI TAL............ que gentilmente derigiu-me. Actualmente, estou muito occupado na organisação do 1º Salão de Bellas Artes OUTRA CAVAÇÃO ignobil em o Norte do Paiz. Espero que concorras com algumas telas. (NESTA NÃO CAIO EU) Temos o apoio franco do governo e do municipio, (ISTO É UMA VERGONHA) que pretendem adquirir trabalhos para a pinacotheca do Estado.

Sei que o sr. tem feito muitos progressos e bons retratos. Antés assim. E' com o trabalho, ao lado de um bello caracter, que se pode vencer e fazer alguma cousa de genio na vida.

Cumprimentos.
Virgilio Mauricio
54, Rua da S. Cruz.
(PELA CARTA PODE AVALIAR UM TAL SUJEITO)

——

Ahi está o caracter desse rufião.

Negue, agora, o sr. Virgilio Mauricio que não escreveu ao pintor Guttman Bicho, o homem que o desmascarou pelo jornal «7 horas».

CARLOS PASSOS (CARLOS MAYA)

O socialismo christão

«Nada de reformas, porque reformar significa deixar sobreviver alguma cousa do passado, e o passado é podre e abominavel.»

PAULO MANTEGAZZA.

Quem não será hoje socialista? Os governos o são. O clero conclama o socialismo uma creação da Egreja, estratificada no *Rerum Novarum*. Até o sr. Bandeira de Mello, innefavel mastim policial do não menos inefavel sr. Aurelino, gabava-se de ser um socialista de quatro costados.

Mas, quando nós, os partidarios do socialismo anarchico, pregamos socialisação da propriedade individual e a expropriação do capital accummulavel, no qual repousam todos os privilegios das classes oppressoras e se assenta o magno principio da desegualdade economica, os socialisteiros se assanham, a rogar ao Senhor Deus todo-poderoso que sobre as nossas cabeças faça desabar as sete pragas do Egypto e mais todas as grandes desgraças do Apocalypse...

A grande imprensa, que tambem se diz socialista, e amiga do operariado, em particular, toma os arem de um albardeiro desembestado, calumnia-nos e injuria-nos como qualquer rameira e conclue invariavelmente por dizer:

«Nós, que sempre esposámos as causas justas e razoaveis, estaremos sempre ao lado do operariado, nas suas reivindicações; mas, com o que não concordamos, e achamos que a policia deve reprimir energicamente, é com os excessos de demagogia, postos em pratica por certos elementos expulsos dos seus paizes e que se introduzem no seio do nosso operariado, tradicionalmente ordeiro, no intuito de desorganisar a industria e implantar a discordia entre o capital e o trabalho. Em nenhuma parte do mundo gosa o operariado de tantas regalias como no Brasil.»

Até parece uma *varia* do *camarada* Carlito, do *Diario*, que paga a um revisor do seu jornal 60$ por mez e 1$200 a jornada de um trabalhador da sua usina...

Quer o operario menos trenado nas lutas reivindicativas uma excellente receita para pôr a calva á mostra aos mystificadores do socialismo? Quando algum individuo se apresentar na imprensa, na tribuna, no pulpito ou em simples palestra, a falar sobre a questão social, dirija-lhe esta pergunta innocente:

«Conhece o amigo o artigo 18 da Constituição russa dos Soviets?

Si o maganão franzir a testa, pode, por minha conta e risco, correl o a pedradas.

Faça uma experienciasinha com os *camaradas* conegos Pereira Alves, Mello Lula, Eustachio de Queiroz, ou com qualquer dos seus *lunaticos* eunuchos.

E já que o clero vive agora a encher a bocca de vento e de questão social, estabeleçamos uma despretenciosa controversia sobre o socialismo christão.

Emquanto o pacifico rebanho dos *servos de Deus*, que são os servos do clero, permanecer cégo, e portanto submisso á vontade discricionaria dos seus pastores, poderá o cura, a troco de um sermão e meia duzia de mentiras, tosqueal-o impunemente e viver á tripa fôrra. Beatas lindas e perfumadas não faltarão que lhe levem aos labios flammejantes as amphoras doiradas dos vinhos generosos; que lhe façam a alma arder de concupiscencia e dessorar veneno o coração sombrio.

A edade media—epoca em que o poder clerical attingiu ao seu grau maximo de tyrannia e rapina—foi como que a eclypse da civilisação antiga.

Os Josué de sotaina, com as mãos tintas do sangue das victimas de Jehovah, acenavam ao sol da Sciencia, para que o sol estacionasse na sua gloriosa ascensão e não viesse aclarar com os seus raios impiedosos e fustigantes a estrada percorrida pela humanidade, flagellada e ludibriada desde o advento da praga clerical. O incesto tripudiou em quasi todos os lares; a polyandria foi uma virtude insigne; o estupro, o incendio e a pilhagem um direito que a Biblia reconhece e a Egreja sanccionou aos suzeranos sobre a servidão.

E foi preciso que uma legião de *barbaros*, egressa das margens do Rheno, viesse, com as patas formidaveis dos seus fogosos bucefalos, despertar toda aquella raça decrepita, intoxicada pelo opio do mysticismo christão.

Quem poderá, ainda, hoje, dar credito á palavra do sacerdote, seja elle desta ou daquella seita religiosa?

Todos elles são escravos da Biblia. E que é a Biblia?—Um livro licencioso, que a policia de costumes deveria apprehender e incinerar. E' o cadastro apologetico dos crimes nefandos perpetrados por apostolos e prophetas, sacerdotes e *santos*. Na Biblia estão codificados todos os seus interesses e privilegios.

Somente os cégos que não querem ver e os desfibrados que, por seu proprio proveito, se obstinam em não querer enxergar poderão dizer ter vindo o christianismo regenerar a humanidade. Não fôra a reacção efficaz dos primeiros martyres da sciencia, e talvez não existisse apresente geração.

Leão XIII se dizia socialista, e habitava o palacio mais rico do mundo, onde está amontoado o suor de muitas gerações. Vivia coberto de purpura, recamado de brilhantes, cheio de arrebiques, rodeado de cortezãos e bajuladores, como um kalifa indolente no seu sumptuoso harem.

E de quem foi extorquida toda a riqueza do Vaticano? Do povo ignorante e das nações vencidas. Mas será o papa um *chantagista*, um salteador, segundo o seu credo? Não. A Biblia reconhece a pilhagem e a esboscada, seguidas das mais requintadas violencias, um direito conferido aos eleitos do Senhor.

Vejamos o que diz o Velho Testamento, capitulo XV, versiculos de 1 a 31, do Livro de Samuel:

O Senhor ordena a Saul, pela bocca de Samuel (os prophetas eram uma especie de apparelho receptor do telegrapho sem fio) que se atirasse, *unguibus et rostris*, sobre a cidade de Amelek e destruisse tudo que encontrasse «desde os homens até as mulheres, desde os meninos até os de mama, desde os bois até as ovelhas, desde o camellos até os jumentos».

Que magarefe! Antonio Conselheiro se horrorisaria ante estas palavras fulminantes.

A destruição da cidade de Hai, para não citar milhares de exemplos analogos, é uma outra monstruosidade biblica, na qual Jehoavah aconselha a um seu eleito que violente as virgens e saqueie os habitantes da urbs indefeza.

O sr. conego Pereira Alves deveria, nas suas conferencias *socialistas*, ler para as suas ovelhas essas diabruras do seu Deus misericordioso.

Poderá falar na emancipação dos trabalhadores nos serenos ideaes de redempção humana quem foi creado na escola do crime e quem é forçado a pautar toda a sua moral por um codigo que é a maior aberração do espirito humano; que é um acervo de delictos abominaveis e scenas escandalosas?

Que nol-o respondam catholicos e evangelistas.

ALCIDES ROSA.

A bala só tem uma missão justa, quando, disparada, vae punir o êrro ou o crime.

A luta pela liberdade

Syndicato dos Trabalhadores de Natal

Segundo communicação feita ao Syndicato de Officios Varios de Jaboatão, tivemos conhecimento de que se acha organisado, em Natal, no Rio Grande do Norte, uma associação de trabalhadores, sob bases syndicalistas.

E', não ha duvida, um eloquente testemudho de que os operarios já vão comprehendendo o seu dever inadiavel de se agruparem em associações de classe, com o fim exclusivo de lutar em prol da extinção do patronato.

Cumpre que no Syndicato dos Trabalhadores de Natal sejam as doutrinas syndicalistas mantidas em toda a sua pureza. E' preciso que se tenha em mente o claro principio insubstituivel de Marx: «A redempção dos trabalhadores só pode sêr obra dos proprios trabalhadores.»

A HORA SOCIAL, orgão dos trabalhadores de Pernambuco, envia cumprimentos aos camaradas natalense, concitando-os a que marchem sem temores na estrada em que ingressaram, desejando-lhes paz e evolução social.

La Ruche e os barbaros

E' realidade ou projecto? Eis o que nos apparece á imaginação, quando chegamos ao fim do pequeno livrinho de Sebastião Faure magistralmente traduzido pelo espirito martyr e lucido desse apostolo do socialismo, Antonio Canellas.

Ha capitulos na obrinha, que mais parecem trabalho imaginario, producto de um visionario, de um perfeito phantasista da existencia, que a realidade de uma vida, a verdade firmada por longos e productivos annos, cimentada pela vontade de vencer de um espirito conquistador e tenaz.

Tenho lido muitos pedagogos mestre de educação, estatutos gymnasiaes, methodos, systemas escolares, tudo: ultimamente li a «Arte de Ensinar» de Emerson White, cheia de regras e conclusões; tenho lido estudos de Lavise, de Elleu Key, Carneiro Leão, Paul Lacombe, mas, não tenho idéa, de ja haver lido uma couza que, na materia, chegasse a um vislumbre de semelhança com a Ruche de S. Faure, conhecido meu, atravez de suas paginas de socialismo.

Não me canço de repetir: mais parecem conjecturas de um vizionario, que sonha com uma remodelação total dos nossos costumes, que a realidade do que existe ha tantos annos em Rembouillet, como um exemplo maravilhozo de uma força de querer admiravel. Esse livrinho, que arranca applauzos de todos os que pensam e raciocinam, foi o «fruto prohibido» que fez nossa *activa* policia prender e deportar o seu traductor, um operario illustrado, cujo crime unico é ser pobre e sonhar com uma humanidade mais humana. Felizmente a Justiça venceu o arranco da prepoteucia e o operario patriota, voltou em paz.

No Brazil, esse paiz separado da Egreja e vestido de jesuita, tendo cruz e bentinhos ao peito como qualquer jagunço do tempo, de Antonio Conselheiro; nesta patria, colonia do papa, feudo do clero, onde a educação desde a infancia á velhice é bitolada pela sagacidade e ardil dos jesuitas, numa terra como o Brazil que tem mais Egrejas que escolas, mais bispados que fabricas; que é absorvido em todas as suas energias pela batina fradesca das communidades parasitarias e inuteis, num paiz deste, não podem medrar idéas como aquellas que estão na Ruche,» pois vem contra os preceitos da «Santa Madre Egreja de Roma!»

Edificante! E é uma terra escravizada pelo sermão excommungante de qualquer sotaina, que se julga separado da Egreja livre dos preceitos inquisitoriaes dessa praga negra cujo fim está proximo! Para suster os effeitos da Ruche, bastaria um sermão domingueiro, trazendo todo o seu sequito de invenções phantasmagoricas, figuras apocalypticas, vizões infernaes, no que são muito prolixos os curas de aldeias.

A Egreja continuará a governar o Brazil, impondo lhe dogmas e abuzos, até quando o povo abrir os olhos e vir que não pode mais continuar a comprar Christo a grosso e a varejo, para encher a pança obesa de um exercit de malandros. E' preciso que o povo saiba que Deus não é qualquer pedaço de cocada que se come á vontade e depois se vae calmamente falar do proximo na primeira esquina; o povo preciza saber que um Deus que se deixa engolir, no meio de uma bolacha, está sujeito ás leis physiologicas da digestão e um Deus desse, que se contenta com tal evolução intestinal está na mesma escala das couzas materiaes mais infimas, perdendo a divindade, a perfeição, o decoro que se lhe empresta. Esse não é o Deus que rege o universo; é o Deus balcão, o Deus bolacha, e seus adeptos descem á escala de barbaros fetchistas, uns theophagos sem a minima idéa do que seja o Creador, o Supremo Espirito, equitativo, justo e perfeito, que não se come nem serve de retalho no agougue do negro vaticano.

Nós vivemos todos num grande convento, onde todos obedecem á superiora, e temem as penas eternas do Inferno ou o fogo do purgatorio. A imprensa, que devia ser a primeira a illustrar o povo, não; baixa medrozamente o dorso á mais empoeirada batina, porque «e precizo acompanhar a hypocrizia» por temor á excommunhão do clero.

Ah! terra de barbaros! Estaes bem longe de abraçar a Ruche!

RENATO DE ALENCAR

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Anno	6$000
Semestre	3$000
Tremestre	2$000
Numero da semana . .	$100
« « atrazado . .	$200

Toda a correspondencia e valores deverão sêr remettidos a A. de Araujo, n'esta redacção.

METHODOS DE LUCTA

Assumpto por demais debatido é esse de greves. No entanto, a meu ver, acho que raras vezes uma classe leva a bom termo um movimento grevista, que, na maioria dos casos, é encetado sob bons auspicios. Quer seja porque as negociações entre grevistas e patrões não se façam na devida observancia das bôas normas associativas, quer seja porque os intermediarios, alheios ao soffrimento da classe, quer seja (e este é caso mais frequente) porque não ha persistencia no movimento.

Não, senhor. A greve, por si, já indica um acto rebelde, passivo ou activo. O facto é que ella significa uma tendencia de não conformidade com a exploração burgueza, com a organisação actual.

Ha tempos, o dr. Nicanor do Nascimento em uma entrevista concedida ao «A. B .C.» dizia que condemnava a acção directa, querendo dar a entender que acção directa é greve violenta, isto é, acompanhada de sabotagem. Respondi lhe então em uma carta, que não foi publicada, que era a propria acção directa, o unico meio rapido que o operario tem de vencer um suas luctas.

Porque è que se tem visto na pratica é que a chamada greve pacifica dá resultados desastrosos.

Basta folhear os jornaes de qualquer epoca.

Quando os operarios não são vilmente enganados em sua eterna e tola bôa fé como no caso de julho de 1917, em S. Paulo, têm de se render com o minimo de concessões, dadas pelo patrão como esmola.

Como querem os sociologos de gabinete que a greve seja pacifica quando a inacção, para o trabalhador, significa a paralysação de ganho, e, portanto, de subsistencia?

A propria palavra — greve — já quer dizer damnificar, incommodar, violentar (dicc. port. de Fonseca pag. 624). Em inglez ainda é mais claro o sentido. Strike — quer dizer—dar, bater, dar pancadas, ferir, atirar com violencia uma cousa contra outra (dicc. inglez-port 9a ed. Valdez, pag. 935); e no Century Dictionnary a definição de Strike é— um deliberado ou geral abandono de trabalho por um grupo de homens ou mulheres com o proposito de coagir o patrão de qualquer modo, ou quando maiores salarios e menor numero de horas são exigidas ou para resistir a uma reducção de salarios; uma geral recusa de trabalho como medida coercitiva. (Century Ditionnary & Cyclopedia — Volume VII, pag. 5995.)

Pelo exposto vê-se que a má idéa de se juntarem as duas palavras «greve pacifica» é producto de um absurdo, em contraposição com a propria origem do vocabulo.

Mas isso não quer dizer ainda tudo.

Exemplifiquemos: uma certa classe resolve declarar-se em greve pacifica. Muito bem...

Deixam-se os operarios ficar em suas casas e os patrões, tambem, em suas casas deixam-se ficar. O que acontecerá?

De um lado o operario que anda em atraso com a venda, com o padeiro, com a quitanda, vê, cada dia que se passa augmentar o deficit, sem considerar que a casa em que mora está rendendo para o proprietario. Dirão logo o vendeiro, o padeiro e os outros abutres: «Cuidado com fulano, elle está em greve, e não sei quando me poderá pagar os atrazados Daqui ha uns dias vou-lhe suspender o armazem. Nada de facilitar com essa gente. Elle é grevista; amanhã será despedido e eu perderei o meu rico cobre.»

Correrão diversos dias assim. A fabrica parada. As machinas não se estragam em pouco tempo. Vêm a fome, as privações e a consequente rendição com as taes concessões de que já falei, dadas como esmolas, como osso a um cão.

Agora do outro lado: o patrão industrial abastado, pançudo, com seus brilhantes e cofres recheiados de grossos pacotes ou com um livro de cheqnes no bolso...

Mas, para que commentar mais? E' facil de se prever.

E', pois, necessario que os operarios tenham bastante sentido nisso: greve pacifica é greve perdida; si quizerem obter alguns resultados praticos, deverão estabelecer como norma de conducta a greve revolucionaria (pleonasmo). E' preciso mostrar ao patrão, logo no primeiro dia, as consequencias do «acto coercitivo»; é preciso fazer-lhe sentir todo o peso da força dos trabalhadores; é preciso mostrar lhe que das mãos rudes e callosas do operario é que sae todo o progresso mundial, todos os prazeres que temos na Terra.

E isto pode-se mostrar tanto na officina, com o formão ou o buril como na rua com uma carabina em defeza de uma idéa.

LENINO RAMOS.

O que vai pelos serviços da estiva

A intervenção de um agente de policia na escolha das turmas.— As promessas do chefe de policia.

Os trabalhadores da carga e descarga do porto desta cidade vêm supportando a dupla pressão dos agentes de companhias e do agente Sabino, da policia secreta e empregado das docas.

Já o Dr. Luiz Correia, chefe de policia, foi posto ao corrente do que se estava passando, devido á indebita intromissão do agente Sabino na escolha das turmas de estivadores para os trabalhos de carga e descarga nos navios S. S. tomando conhecimento do que occorria, assertou que tomaria as providencias exigidas pelo caso em lide, que estava trazendo evidentes prejuizos materiaes aos profissionaes daquelle trabalho.

Mas,—sempre a conjuncção adversativa—, as promessas feitas pela Sr. Chefe de policia foram, apenas, de uma ingenua bôa-fé justamente porque a acção do agente Sabino se está ainda fazendo sentir.

Então, quem é o chefe de policia?

Com o queijo no bico...

O sr. João Ezequiel, o zangaralhão que toda gente conhece, escreveu na terça-feira ultima, na secção que subscreve no «Jornal do Recife», alguma cousa a respeito da situação do Ceará famelico, com a epigraphe «Lagrimas e Champagne». Chamaram-n'os a attenção para a chronica do socialista amarello.

Começa o sr. João Ezequiel a dizer mais ou menos:

«Os jornaes do sul que acabamos de ler publicam o telegramma seguinte: «Ceará, 5—O povo que estava agglomerado a pedir esmola, em frente ao palacete onde a assembleia offerecia um banquete ao governador, foi dispersado pela policia. O governador compareceu á festa com grande apparato de força».

Bem; isto foi o que o sr. João Ezequiel escreveu.

Agora, os leitores e camaradas vejam o n' 59 da «A Hora Social», de 14 de Fevereiro ultimo, 1' columna da terceira pagina e, num artigo sob o titulo «A fome no Ceará», do saudoso poeta Olavo Bilac, escripto quando foi da secca de 1916 e leiam:

....

....

.......«Deixa de parte o teu socego e põe os olhos aqui, neste telegramma que a «Gazeta» publicou ha trez dias: «Ceará, 5—O povo que estava agglomerado a pedir esmola em frente ao palacete onde a assembleia offerecia um banquete ao governador, foi dispersado pela policia. O governador compareceu á festa com grande apparato de força».

Então? Leram bem e compararam os dois telegrammas?

O que o sr. João Ezequiel cita no seu commentario e diz ter lido nos ultimos jornaes do sul que lhe chegaram ás mãos, é o mesmo a que se refere o inolvidavel poeta da «Via Lactea» no seu magnifico artigo publicado em 1916 e colhido na «Gazeta», isto é na «Gazeta de Noticias», do Rio de Janeiro.

Ora, é possivel que Olavo Bilac seja um pseudonymo do sr. João Ezequiel?

Não; o poeta foi victima da falta de escrupulo do socialista amarello, que até nisto bem revela quanta sinceridade tem nas suas convicções.

O sr. Ezequiel precisa dar uma explicação sobre este *embroglio*.

Um poderoso fóco syndicalista

OS TRABALHOS DO SYNDICATO OPERARIO DO CABO

Apenas reaberto ha poucas semanas, depois de largo periodo de fechamento, o Syndicato de Officios Varios do Cabo vem promovendo effectivo trabalho de organisação de todos os operarios daquella zona, logrando pouco a pouco optimos resultados compensadores.

Os membros da commissão executiva, auxiliados efficazmente pelo nosso camarada, academico Alcides Rosa, desempenham plenamente as suas funcções.

Actualmente, a associação do Cabo conta já o numero de duzentos socios, esperando-se até o dia 1' de Maio seja elle quintuplicado.

Não ha duvida, portanto, que o Syndicato do Cabo é, actualmente, um poderoso fóco de irradiação syndicalista, taes os progressos que vem realisando na sua acção associativa.

Appello de um marceneiro

A' postos marceneiros

Do camarada procurador geral do Syndicato dos Marcineiros e Artes correlativas recebemos ante-hontem, quinta-feira, a carta que abaixo se segue, a qual é um vibrante appello a todos os marcinciros conscientes a fim de que cumpram o sagrado dever que assumiram com a fundação do seu syndicato.

Para esta carta, chamamos a attenção dos companheiros marceneiros.

A carta é de teor seguinte:

«Camaradas marceneiros de Pernambuco—

E' já tempo de deixarmos de andar de cócoras e tempo de levantarmo-nos para andar firmes como os homens conscientes dos seus direitos e dos seus deveres.

Deixemos as diversões futeis, as pandegas, as bebedeiras, a jogatina e tambem a preguiça. Se queremos aprender, aonde é que nós melhor escola encontraremos? — No SYNDICATO. Pois, companheiros, eu appelo para a consciencia de todos os camaradas marceneiros e de artes correlativas para que sejamos unidos!

Cumpramos o nosso dever de trabalhadores modernos; deixemos o carrancismo, pois nós estamos no seculo da luz.

Compareçamos ao SYNDICATO todas as QUINTAS-FEIRAS! Demos as nossas sessões, troquemos as nossas idéas, leiamos um livro revolucionario e assim ajámos.

Cumpre-me, outrosim, appellar para a consciencia de todos os camaradas a fim de que paguem com pontualidade as suas mensalidades á sociedade, que só é forte quando os associados a manteem.

Como será bonito apresentarmo-nos no dia 1' de Maio, extendendo o nosso glorioso estandarte e toda gente dizer: «Lá está o estandarte do Syndicato dos Marcineiros»!

Oh que belleza e que prazer para nós!

Está em nossas mãos a questão e é só querermos e haver união. Pois camaradas, não esqueçais a sede, que é á rua Lima, n' 158, 1' andar todas as Quintas-feiras. — M. J.

Na usina Santo Ignacio

As torturas do regimen capitalista

Ha trez mezes, seguramente, o operario Manoel Sylvestre, cosinhador da usina «S. Ignacio» foi victima, na occasião do trabalho, de um accidente gravissimo, em consequencia do qual falleceu esmagado.

De accordo com a lei de Accidentes no Trabalho, foram tomadas as providencias regulamentares, afim de que á esposa da victima, que ficou com sete filhos menores, recebesse a indemnisação que a alludida lei prescreve.

Mas, como se está num regimen em que as leis nada valem, e por isto mesmo as queremos queimadas, vamos ver como o gerente da usina procede, procurando vingar-se da viuva. E, para que se veja, eis o documento:

«Memorandum —Usina Santo Ignacio — Rosa Borges & Comp. — Pernambuco — Cabo, 26 de fevereiro de 1920. A sra. d. Claudina de Siqueira.—Tendo-se aggravado, em virtude de factos passados recentemente, a incompatibilidade existente entre a sra., sua familia e esta Usina, o sr. coronel Rosa Borges determinou-me que a INTIMASSE PARA RETIRAR-SE daqui, deixando o mais breve POSSIVEL, a casa que occupa.

Certo de que a sra. cumprirà com presteza a determinação a que acima me refiro, espero que a sua permanencia onde está será pouco duradoura.—JOSE' CAMPOS.»

Eis ahi porque, no advento do maximalismo, o fogo terá que ser o purificador destas miserias do actual regimen burguez.

Syndicato dos Metellurgicos

SEDE; PATEO DO CARMO, 107, 1' ANDAR

Com a presença de grande numero de associados, realisou se mais uma reunião deste Syndicato.

As medidas assentados gyraram em torno do estudo da lei de Accidente no Trabalho: providencias sobre beneficios a associados victimas de accidentes; sobre a caixa de trabalho.

Apuradas as listas de subscripção, ficou determinado que a quantia a entar em beneficio da A HORA SOCIAL será de 200$000.

É esta a prova mais alta de que o Syndicato dos Metallurgicos tem a consciencia fixa de que a A HORA SOCIAL não deve morrer.

A subscrição dos Metallurgicos, que se esperava subisse apenas a 150$, rendeu, pois, 200$.

—◊❊◊—

As leis foram feitas para garantir e perpetuar os privilegios das classes ricas.

Movimento financeiro da A HORA SOCIAL

(Correspondente ao n. 60)

Para que os nossos camaradas tenham exacto conhecimento de todo o movimento financeiro deste orgam, temos resolvido d'oravante publicar semanalmente, um balancete de receita e despeza de cada numero.

Os balancetes até esta data não publicado sel-o-ão opportunamente e de uma vez.

Despesas

Confecção do jornal	86$000
1 resma de papel	24$000
4 garrafas de kerozene	1$600
Um frete para o mesmo	900
1 garrafa de alcool	700
1 caderno de papel	200
Sellos	400
2 jornaes	200
Um auxilio a L. Manso	1$060
Dinheiro por c/ da feria anterior a J. Britto	4$700
Somma	119$760
Receita	61$240
Deffict	58$520

Nota—Devido a falta de espaço deixamos de publicar os auxilios que foram prestados "A Hora Social", o que faremos no proximo numero.—*Amâro de Araujo*, Gerente.

NOMES	Remessa	Boia	A receber	Pagos
J. Paulo.	30	—	—	2$100
M. José	50	4	—	3$680
A. Gomes	80	—	80	——
S. Euzebio	70	—	—	4$900
E. Miranda.	100	—	45	4$400
U. G. da Constracção Civil	50	—	50	——
Luiz Araujo	100	—	—	8$000
Venda avulsa na Estação Central .	48	—	—	3$840
» » rua 1' de Março .	25	4	—	1$700
» » » Nova	25	25	—	——
S. Paixão.	25	—	25	——
J. Amaro.	30	5	—	2$000
Agencia da Torre	70	—	—	5$600
Venda avulsa por J. Gonçalves	100	—	—	8$000
» » » Gregorio Sobral	100	16	—	6$720
Destribuição gratuita e permutas	35	—	—	——
Venda avulsa na redacção	40	—	—	4$000
Archivo da redacção	20	—	—	——
Paes de Andrade.	12	—	12	——
Assignaturas.	65	—	—	6$000
Total	1075	51	212	61$240

Locaes operarios

Federação das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, Syndicato dos Metallurgicos, União dos Carvoeiros União Panificadora do Recife e União Cosmopolita, Praça do Carmo n. 107 1' andar.

União de Resistencia dos Trabalhadores em Armazens, Liga Mixta dos Operarios em Fabricas de Cigarros, União Geral da Construcção Civil Syndicato dos Alfaiates e Syndicato dos Sapateiros, Rua da Praian. 125 1' andar.

Syndicato dos Artistas Graphicos, União dos Estivadores e União dos Lancheiros, Rua da Praia n. 87, 1' andar.

União dos Operarios de Afogados Becco do Rosario n. 22.

Syndicato Operario de Officio Varios da Varzea, Rua das Larangeiras n. 92

Syndicato Operario de Officios Varios de Jaboatão, Praça S. Dumont n. 2

Syndicato de Officios Varios do Cabo Becco do Salgado n. 20.

Syndicato dos Marcineiros e Artes Correlativas, Rua do Lima 151, 1' andar,—S. Amaro.

União dos Conductores de Vehiculos, Ru daa Praia 125, 1' andar.

—◊❊◊—

União Cosmopolita

Sede: Praça do Carmo n. 107 1°

Com extraordinaria assistencia de camaradas, realisou se na quinta-feira ultima uma grande reunião no Alto da Alegria.

Fallaram o dr. Joaquim Pimenta, Antonio Correia, Luiz de Araujo e mais outros camaradas.

Ficos deliberado uma reunião para amanhã, domingo, ás 7 horas da noite na sede provisoria da COSMOPOLITA, á praça da A HORA SOCIAL, n. 107, 1. andar.

Todos os empregados de «tramways» devem comparecer a esta reunião.

—◊❊◊—

Mais vale uma verdade amarga que uma doce mentira.

FILHOS DO POVO

Filhos do povo soffreis em extremo
Lenta agonia sem luz e sem ar.
Mais vale o esforço de um acto supremo,
Si a vida é pena, mais vale lutar!

Este vil mundo que atroz vos consome
Sôbre esses hombros, despotico está.
Lançae-o á terra matae-o de fome:
—Força suprema que o braço vos dá

Ah!
Revolução, abre o porvir!
A exploração ha de succumbir!
Levanta-te, Povo leal,
Ao grito de revolução social!

Acção, acção!
Não pedir leis.
Valor e união,
Que livres sereis.
Tomae de vez
O bem-estar.
Contra o burguez
Lutar! Lutar!

Quando num gesto viril, soberano,
Numa revolta de Antheu productor,
Dissipe o homem a neblinas de engano,
Retome a terra, repilla o senhor.

Sobre os escombros, a Livre Communa
Sem leis e sem amos, vivaz, surgirá.
Que a liberdade na vida nos una.
Se tudo é de todos, escravos não ha.

Revolução abre o porvir, etc.

—◊❊◊—

Liberdades não se dão: tomam-se

—◊❊◊—

Boletim da Commissão pró victimas de accidentes no trabalho

Os operarios, que forem victimas de accidentes (que os obriguem a deixar o trabalho), seus companheiros ou qnalquer pessoa que o presenciarem, deverão, immediatamente, levar o facto ao conhecimento da autoridade policial, caso o patrão não o faça.

Só ao juiz compete decidir si cabe ou não indemnização á victima e, no caso affirmativo, de que natureza deverá ser essa índemnízação.

Si as victímas, ou seus representantes fizerem qualquer accordo com os patrões, esse accordo só será c nsiderado legal si for homologado pelo juiz.

O representante do minist rio publico é obrigado a prestar assístenc a judicíaría gratuita á victima.

A victima do accídente, ou sua famílía gosará de reducção de metade das custas regímentaes, que se cotarão para só serem pagas, afinal, pelo vencído, não podendo a falta de prompto pagamento das mesmas ou das devídas pelo patrão retardar a marcha do respectívo processo.

Em todos os casos o patrão é obrígado á prestação de soccorros medíc s e pharmacéutícos, ou, sendo necessaríos, hospítalares, desde o momento do accídente.

As índemnízações e díarías a que a leí obríga serao pagas no logar do estabelecímento em que tíver occorrído o accídente.

As diarias serão pagas semanalmente.

No caso de accidente occorrido em serviço de transporte, o logar de pagamento será a séde da empreza.

Durante o tratamento é permittido, quer ao patrão quer ao operario, por si cu por seus representantes, requerer a verificação do estado de saude do mesmo operario nomeando o juiz um medico para fazer o exame, que se effectuará na presença do medico assistente, não podendo servir como perítos pessoas ligadas por parentescos ou interesses ao patrão ou á victima.

Quando, depois de fixada a indemnização, a incapacidade se aggrava, attenuar, repetir ou desapparecer, ou se verificar no julgamento um erro substancial de calculo, poderão o patrão, a victima ou seus representantes pedir, dentro d prazo de dous annos, a revisão do julgamento que determinou as consequencias do accidente e fixou a indeminização.

E' nulla de pleno direito e considerada como inexistente qualquer convençã contraria á lei de accidentes, tendente a evitar a sua applicação ou alterar o modo de sua execução.

ão podem os patrões retirar parte dos salarios de seus operarios, ainda que c m o consentimento dos mesmos, para occorrer ás despezas relativas ao cumprimento do regulamento.

Quaesquer reclamações deverão os operarios endereçar ao representante do ministerio publico, que tomará immediatamente as nece sarias providencias.

Os patrões são obrigados a affixar a lei e o regulamento dos accidentes do trabalho, em logar bem visivel de suas fabricas, officinas ou estabelecimentos.